



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Artigos

A invocação aos deuses no “Banquete” de Platão e o recurso ao mito⁵

Por: Felipe Gustavo Soares da Silva⁶

Resumo

O presente trabalho pretende analisar como Eros, o deus do amor, é celebrado e descrito no banquete de Platão, e ainda mais, como isso representa uma expressão da religião antiga e da crença no mito como forma de expressão da realidade.

Palavras-chave: Mito; Religião; Divindade.

Resumo

Tiu papero celas ekzameni kiel Eros, dio de amo okazigas kaj priskribita en Platono bankedo, kaj eĈ pli, kiel Ĝi estas esprimo de la malnova religio kaj kredo je la mito kiel esprimo de la realo.

Ŝlosilvortoj: Mito; religio; Dieco.

Abstract

This work aims to analyze how eros, the go of love, is celebrated and described in the banquet of Plato, and how it representes the expression of na ancient religion and fait in myth as a form of expression of the reality.

Key-words: Mth; Religion; Divinity.

Introdução

O *Banquete* de Platão é uma das obras mais significativas da Filosofia antiga e porque não dizer da História da Filosofia.⁷ A obra tem sete discursos sobre o que é o amor a partir do louvor ao deus Eros. Tradicionalmente se

⁵ Dedico este trabalho à professora de Letras- inglês Ana Cristina.

⁶ É Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba – UFPE, Mestre em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba - UFPE, Especialista em Educação, Pobreza e Desigualdade Social pela Universidade Federal da Paraíba – UFPE, Especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Aldeia de Carapicuíba – FALC, Bacharel e Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE e graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco – UCAP. É professor contratado da Secretaria de Educação de Pernambuco – SEPE, docente de Filosofia no Projeto Aulões: Pré-vestibular nas escolas públicas da GRE-Sul. Atua no Projeto de Pesquisa sobre “O cuidado de si na Filosofia Antiga e seus desdobramentos”. É membro do Corpo Editorial do Periódico Cajuína.

⁷ Escolhemos como principal tradução para o Banquete a seguinte: PLATÃO. **Simpósio**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. – 3ª ed. – Belém:

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

divide a obra em duas partes: a não filosófica, que comporta os cinco primeiros discursos das personagens Pausânias, Fedro, Aristófanes, Erixímaco e Agatão; e filosófica, que compreende as falas de Sócrates e Alcibiades. Resolvemos nos deter na parte não filosófica, é nela que encontramos elementos de uma religião muito peculiar aos gregos e chamamos de recurso ao mito.

Ler o banquete é encontrar-se com uma quantidade de temas e oportunidades de interpretações sobre a nossa própria vida. Dentre esses temas o banquete nos situa na questão do elemento religioso a partir da invocação do Deus Eros, da análise de seus atributos, nos louvores prestados a eles e na sua caracterização.

Aqui pretendemos analisar como o tema da religião está presente no diálogo *o Banquete* pela invocação do Deus Eros, nas relações amorosas experimentadas por cada uma dos cinco primeiros discursos do diálogo: dizemos aqui os cinco primeiros discursos porque é neles que a relação com o mito e a religiosidade no mundo antigo do banquete se estabelece. Eros é louvado e é reconhecido seus poderes, suas ações, seus objetos e, sobretudo, o perigo que ele representa para o homem pelo fato de liga-lo as coisas. O diálogo nos dá a ideia de que é pelo amor, é por Eros, que nos relacionamos com as coisas do mundo.

Para tanto, analisamos cada um dos cinco discursos buscando examinar a maneira pela qual o deus Eros é invocado pela personagem e buscando mostrar como o papel do mito torna-se preponderante para definir quem é o deus e para explicar sua relação com o homem e com a realidade. O drama e o êxtase do amor são explicados a partir do recurso ao mito para dizer o que é a realidade. Esse recurso nada mais é que uma frequente no mundo antigo que Platão, a nosso ver, apesar de numa filosofia bem aprendida com seu mestre Sócrates, faz questão de evidenciar em seus escritos a importância da visão para compreensão de mundo. Platão não dispensa nem nega o mito mas se usa dele para poder, dialeticamente, nas falas de Sócrates e Alcibiades poder mostrar a partir de um discurso filosófico no que consiste o amor.

O que nos resta a dizer é que a religião marca profundamente o mundo antigo e o recurso ao mito é uma maneira de explicar o que há e o que acontece conosco. O amor não escapa ao crivo do religioso mas é explicado a

ed. UFPA 2011. Citaremos no texto conforme as normas recomendadas para autores clássicos, citando o passo com o nome da obra abreviado: *Symp*



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

partir da ação de um deus como veremos no banquete. Veremos agora como cada personagem define Eros e o quanto de religiosidade o discurso compreende e carrega ora implícito ora explicitamente.

2- Fedro

Fedro é o primeiro a falar sobre a natureza de Eros. Mesmo não sendo um dos discursos mais analisados pelos comentadores. O respeito à divindade e ao seu poder é um elemento forte no discurso, no entanto, é importante ao demonstrar o efeito moral que Eros suscita no homem. Vejamos como ele demonstra

(...) o indivíduo que ama, se é surpreendido a cometer alguma ação má, ou quando, por pusilanimidade, suporta alguma ofensa sem reagir à altura, passando-se tudo isso na presença dos pais ou companheiros ou de quem quer que seja, não se amofinará tanto como se ocorrer o fato na frente do jovem da sua predileção. É o que vemos também com relação ao amado, que se envergonha muito mais na presença do seu amigo, quando apanhado na prática de algum ato condenável (*Symp.* 178 d-e)

O Deus eros suscita no amante uma espécie de amor à honra, e ao mesmo tempo, uma vergonha que o leva a fazer as melhores ações diante de seu amado. Este será um fundamento moral⁸ para a ação de quem é tomado pelos efeitos e direcionamentos de Eros.

Outro elemento importante é o poder de Eros destacado no discurso. Este é o momento de fazer um louvor à divindade e reconhecer sua superioridade diante dos homens e no caso específico de Eros, sua superioridade em relação aos outros deuses. Enquanto poeta, Fedro trata de lembrar, relembrar o assunto a partir de sua arte. Ele recorre ao Primeiramente, a Teogonia de Hesíodo⁹ para situar a origem desse poder sobretudo pelo nascimento de Eros: "O fato de ser o mais velho dos deuses já constitui prerrogativa excepcional. A prova disso é não ter pais, que, de fato, nunca são mencionados pelo vulgo nem pelos poetas."⁸⁴ Fedro recorre portanto ao mito para mostrar um lado

⁸ Ainda que não suficiente para falarmos de boas ações. Fedro é bastante claro ao dizer que Eros inspira boas ações, porém essa inspiração leva o sujeito a praticar boas ações para ser visto pelo público, pelo amado, por outra pessoa. Parece-nos um tanto aparente e superficial a inspiração de Eros e por isso, não defendemos a ideia aqui de que seja um fundamento moral seguro inspirado por Eros. Este fato pode servir de argumento para um exame sobre aquilo em que resolvemos acreditar e professar a fé, questão que não é levantada no mundo antigo pela multiplicidade de deuses e relações que o homem pode ter com eles.

⁹ Refere-se a Teogonia, onde Hesíodo narra a genealogia dos deuses. HESÍODO. *Teogonia*. Estudo e tradução de Torrano, J. A.A. São Paulo: Iluminuras, 1992.



ΙΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

moral do amor em e fazer de fato um louvor ao deus. Fedro mostra o poder e a grandeza de Eros como o maior dos deuses. Exaltar a divindade é um sinal da importância dada à religião naquela época. Por isso, destaca Fedro, sou de opinião que Eros é o mais antigo e o mais respeitável dos deuses como também o mais autorizado para levar os homens à posse da virtude e da felicidade, tanto nesta vida como depois da morte.” (Symp.179b)

3 Pausânias

Sem abandonar o recurso à mitologia e aos deuses, neste discurso, vemos os efeitos do deus Eros mais uma vez sendo apresentados dessa vez na fala de Pausânias. Agora além do louvor a Eros, será Afrodite que aparecerá como determinante para fala da personagem; considera-se, todavia, que Dionísio aparece ainda que implicitamente na fala de Pausânias: O estudo de L. Rojas analisa o discurso de Pausânias a partir dos elementos que refletem a relação entre Eros e o deus Dionísio¹⁰: segundo este estudo, Pausânias concebe o Eros nobre como

negação do feminino, que se revela nesta duplicidade do Eros e é também a negação da sensualidade, do descontrole, a paixão propriamente feminina do amor, a tudo que vincula a Dionísio com as mulheres e que se ausenta deste erotismo. (...) O feminino é, de certa forma, por sua natureza, um desafio a essas regulações que sancionam a quietude, e a seriedade do amor celeste. (ROJAS, 2004, p. 283)

Pausânias é o segundo a discursar no banquete e seu discurso dá continuidade ao ponto de partida de Fedro. Normalmente o discurso é interpretado como o que mais caracteriza no senso comum, a resposta à pergunta “o que é o amor platônico?” Pausânias caracteriza Eros como duplo, divide-o em dois, um bom e um ruim, assim fará também com o amor, o amor celeste como superior e inspirado pelo Eros bom e um inferior e promíscuo, inspirado pelo Eros mal. Mas Eros não atua sozinho. Quando caracteriza eros como duplo, defende também duas Afrodites: Uma, a mais velha sem dúvida, não tem mãe e é filha de Urano, e a ela é que chamamos de Urânia, a Celestial; a

¹⁰ Dionísio, deus da mitologia grega, é tradicionalmente descrito como deus do vinho e do prazer. Ele é associado, geralmente, à festas ligadas à orgias e prazeres de todo tipo, da bebida ao sexo.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

mais nova, filha de Zeus e de Dione, chamamo-la de Pandêmia, a Popular. (**Symp.**180d-e)

Esta personagem apresenta uma dupla face da divindade que também caracteriza a forma do grego olhar para o deus: ora benéfico, ora maléfico para sociedade, o deus interage com o homem e interfere nas suas relações com todas as coisas. A dupla face de Eros caracterizada por Pausânias revela a ambivalência e, mais uma vez, o poder da divindade. O poder do deus não aparece apenas em conduzir boas ações mas também em ações más e Pausânias culpa Eros por amores desinibidos, desenfreados.

A tendência da personagem é obviamente prezar pelo amor celeste, inspirado pelo deus bom ou pela Afrodite pandemia. Dessa forma, tem sentido a fuga do feminino dentro das regras da pederastia, da relação entre um jovem mais novo e um mais velho, apenas. Esse era considerado a relação aceitável e expressiva como educativa. Submeter-se a práticas femininas como vestimentas ou imitações seria submeter-se ao Eros mal, à Afrodite urânia, seria estar ligado ao Eros terreno, direcionado ao prazer, tão somente.

4 - Erixímaco

Será o terceiro a realizar sua fala. Erixímaco era um médico. Para contextualizar o sentido do médico na antiguidade vale lembrar que o médico gozava de um status semelhante ao do filósofo: este último com o trabalho de curar a alma e de fornecer a capacidade de reflexão, já o médico com o objetivo de prevenir e curar os males do corpo. Veja-se que a ideia de cura e de prevenção lhe dá o status de divindade no senso comum: curar é algo ligado à ideia de milagre que por sua vez liga-se à uma divindade ou ser superior. A fala do médico no diálogo é precedida por uma cura, a cura de Aristófanes de um soluço. (**Symp.**185 c-d)

O médico é aquele que, semelhante a um deus, pode trazer a cura. Veja-se então a importância deste discurso para nosso estudo. Os elementos do discurso estão mais ligados à atribuição de objetos a Eros, veja-se que nas primeiras falas, Eros apesar de ser considerado poderoso, direciona-se apenas para os indivíduos. Erixímaco fará o papel de expandir os objetos de Eros para todo o universo. O médico irá concordar com a duplicidade de Eros exposta por Pausânias mas mostrará que o poder de Eros não se estende somente aos homens, mas à todas as



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

coisas vivas:

Com efeito, quanto a ser duplo o amor, parece-me que foi uma bela distinção; que, porém não está ele apenas nas almas dos homens, e para com os belos jovens, mas também nas outras partes, e para com muitos outros objetos, nos corpos de todos os outros animais nas plantas da terra e por assim dizerem todos os seres. (*Symp* 186 a)

Estender os efeitos de Eros para toda criatura no cenário do *Banquete* significa trazer uma evidência comum ao mundo grego: os deuses se relacionam com tudo. A mitologia grega é caracterizada dentre outros fatores

5 – Aristófanes

Aristófanes era comediógrafo. uma espécie de poeta que se utilizava da comédia para realizar seus trabalhos. E de fato, ele parece rir da condição humana, recorrendo mais uma vez à mitologia, para mostrar a relação do homem com a divindade. O interessante é que a comédia de Aristófanes denuncia a tragédia da humanidade através do popular mito dos andróginos.

Conta ele que no início os sexos eram três, o masculino, o feminino e o andrógino. Esse último participava dos outros dois sexos. A forma andrógina era a esférica, tendo costas e flancos ao redor, quatro mãos e quatro pernas, duas faces sobre um rosto redondo, quatro orelhas. Sua forma proporcionava ir a qualquer lugar e devido sua coragem e força, voltaram-se contra os deuses. Zeus e os demais deuses resolveram então, enfraquecê-los dividindo-os ao meio, tendo com isso a vantagem de tê-los em maior número para os servirem e adorarem. Apolo os costura e coloca suas faces voltadas para a contemplação do corte, deixando-lhes o arremate no umbigo, para que se tornasse humilde e se curasse do orgulho. Começa então a procura pela sua cara-metade. Segundo Agostini (2012,P.96),

(...) diversamente dos demais convivas para os quais Eros tem um papel mediador, no discurso de Aristófanes, o fim do encontro das metades não é outro que o próprio enlace erótico. Ou seja, a união das partes, outrora separadas, visa apenas à permanência dessa ligação que faz do que eram dois, um. Além disso, enquanto os outros encômios constroem-se em termos abstratos similares à exposição dos atributos de um ser sobrenatural, o comediógrafo é o único cuja fala enfatiza o que é particular e percível: ele admite uma união individual com sua exclusiva e pessoal “outra metade.”



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A contribuição de falar da divindade é demonstrar exatamente esse caráter trágico e cômico que a relação com a divindade pode trazer para o ser humano. Novamente, a mitologia grega recebe alusão na fala de uma personagem. Desta vez, vemos a tragédia grega aparecendo como uma ação própria e natural à ação da divindade de Eros: Eros produzirá no amante uma relação trágica de tornar o amante dependente do amor e desejante, a vida toda, da completude de seu amor.

6- Agatão

Ele é o motivo da festa que reúne o banquete porque havia obtido vitória na noite anterior no teatro. Agatão era tragediógrafo e ao contrário dos demais, não focaliza suas palavras nas ações que Eros desencadeia para o ser humano, conforme fizera Aristófanes, mas, ao contrário, volta-se para enaltecer a essência do Eros:

A meu parecer, todos os que discursaram antes de mim, não enalteceram o Deus; apenas congratularam-se com os homens pelos bens que lhe devem. Mas o que seja essa divindade para conceder aos homens tantas dádivas foi o que ninguém nos explicou. Ora, a única maneira de elogiar alguma coisa é tornar manifesta a natureza daquilo que pensamos ser causa de certos benefícios. (*Symp.*194e)

A noção fundamental que podemos retirar do discurso de Agatão é que ele justifica, a partir da natureza do deus Eros, a possibilidade da divindade escolher a quem destinar seus benefícios, neste caso, apenas ao Belo. “O amor não pousa sobre o feio” (*Symp.*197c). No contexto grego, o Belo e o Bom andavam muito juntos, e a divindade, segundo Agatão, buscava, selecionava a quem dar seus benefícios. A imparcialidade ou a justiça de um deus também é uma característica da divindade marcadamente aparece no *Banquete*.

7- Considerações finais

Nossa reflexão sobre o *Banquete* tratou de analisar as cinco primeiras falas do diálogo de Platão e ver como encontramos sinais do recurso e da relação do homem com a divindade e sobretudo, que consequências podemos inferir dessa relação.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Notoriamente, o homem se relaciona com a divindade no mundo grego de diversas maneiras e o deus tem a seu querer o poder e a decisão sobre a vida e o destino do homem, característica forte da mitologia grega. Era exatamente isto que queríamos mostrar: o poder do deus e a fraqueza e dependência do homem, por isso escolhemos apenas os cinco primeiros discursos.

Eros é apresentado como deus mais antigo e poderoso, portanto, é uma boa oportunidade para demonstrarmos como esse poder é expresso nas relações amorosas das quais as personagens nos falam.

Referências

- ARAÚJO JÚNIOR. Anastácio. Borges de. **Eros, direzione e effetti**. In *Il simpósio di Platone: un banchetto di interpretazioni*. Napoli: Lofredo editore. 2013. P. 63.
- AGOSTINI, C. S. 2012. “O discurso de Aristófanes no Symposium e a literalização da metáfora”. *Archai* n. 9 , jul-dez 2012, pp. 93-100.
- CALAME, C. **I greci e l'eros**. Simboli, pratiche, luoghi. Roma: Bari. 1992
- DROZ, Geneviève. **Os mitos platônicos**. Trad. Maria A. Ribeiro Keneipp. Brasília: UNB, 1997.
- GRUBE. G. M.A. **El pensamiento de Platón**. Madri: Gredos.1987
- HADOT, Pierre. **O que é a Filosofia Antiga**.3ª ed. São Paulo: Loyola 2008.
- HESÍODO. **Teogonia**. Estudo e tradução de Torrano, J. A.A. São Paulo: iluminuras, 1992.
- NUSSBAUM. Martha C. **A fragilidade da bondade**. Fortuna e ética na filosofia grega. Martins fontes, São Paulo: 2009.
- PLATÃO. **Simpósio**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. – 3ª ed. – Belém: ed. UFPA 2011.
- ROJAS, Lorena. **De la divinidad de lo oculto**. Pausanias en el Banquete de Platón. ARETE. Revista de Filosofía Vol. XVI, N0 2, 2004 pp. 283-313
- camp.br/document/?code=vtls000218922, acesso em 21 abr